

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROFESSOR NOTA 10

ANA CLÁUDIA DA SILVA
EDILENE NEVES MATEUS
EDINEI PEREIRA DA SILVA
VERACI DE CAMPOS SANTOS

**A Importância da Afetividade no Processo de
Ensino-aprendizagem em Turmas de 4ª Série
na Perspectiva do Aluno**

Brasília, 2005.

ANA CLÁUDIA DA SILVA
EDILENE NEVES MATEUS
EDINEI PEREIRA DA SILVA
VERACI DE CAMPOS SANTOS

**A Importância da Afetividade no Processo de
Ensino-aprendizagem em Turmas de 4ª Série
na Perspectiva do Aluno**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB como
parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia - Formação de
Professores para as Séries Iniciais do Ensino
Fundamental - Projeto Professor Nota 10.

Orientador: Ademir Gaspar dos Reis

Brasília, 2005.

“....o ato de estudar exige uma postura curiosa e de responsabilidade diante de qualquer situação. Todas as atividades exigem estudo, estudando conhecemos melhor e descobrimos mais. Estudar é um ato revolucionário que nos leva a busca de soluções para nossos problemas. Lendo, buscando, estudando transformamos o mundo...”

Paulo Freire

Agradecemos a Deus, aos professores e familiares que contribuíram para a formação efetiva de cidadãos, buscando nos incluir estudante no mundo globalizado, preparando e melhorando nossos ingressos na vida profissional, tornando nosso trabalho cada vez mais prazeroso e desafiador.

Dedicamos esta pesquisa aos nossos esposos, filhos, familiares e demais mestres pelo amor e compreensão, por tantos momentos difíceis e agora pela alegria de poder compartilhar um momento de felicidade e realização, em mais uma fase de crescimento com o que temos de melhor: a *criatividade*.

SUMÁRIO

Resumo.....	07
Introdução.....	08
CAPÍTULO I - Referencial Teórico.....	10
CAPÍTULO II – Orientações Metodológicas.....	16
CAPÍTULO III - A Afetividade na Construção do Conhecimento.....	18
3.1. A Educação como Prática Social.....	18
3.2. Visão de Ensino Inovador.....	19
3.3. O Papel do Estabelecimento de Ensino e do Professor Motivador.....	20
3.4. Interação e Afetividade na Relação Professor / Aluno.....	26
3.5. Alguns Meios para motivar o Aluno.....	27
CAPÍTULO IV – Uma Pedagogia do Afeto e da Criatividade na Escola.....	30
4.1. Valores Apreendidos.....	30
4.2. Educar com Disciplina.....	31
4.3. Afetividade e Cognição: Rompendo a Diferença na Educação.....	33
4.4. O Papel Sócio-afetivo no Processo Ensino-aprendizagem.....	34
4.5. Motivação e Aprendizagem.....	35
4.6. Brincando e Aprendendo.....	38
Capítulo V – Análise e Discussão dos Dados.....	41
Conclusão.....	51
Referências Bibliográficas.....	53
Apêndices	

RESUMO

A importância da afetividade na aprendizagem é algo indispensável, a afetividade deve ser estimulada por meio da vivência, a qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo do aprender. A ludicidade tem conquistado um espaço no panorama da educação, o brinquedo é a essência da infância e seu uso permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento e também a estimulação da afetividade na criança. Os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa tiveram como alicerce pesquisas em livros e informativos, para depois alcançar a pesquisa investigativa propriamente dita com os alunos. O objetivo geral desta pesquisa foi em identificar a presença da afetividade na prática diária, no relacionamento escola-professor-aluno. Os objetivos específicos foram criados para relacionar as práticas pedagógicas e para observar se nelas estavam ocorrendo laços afetivos que envolvessem: interesse, incentivo e motivação. O resultado observado é que quando a escola realmente utiliza de mecanismos que envolvem esses laços, as suas atividades ocorrem com maior naturalidade e o rendimento dos alunos é considerado positivo, quando não ocorre, o trabalho é improdutivo e sem direcionamento. As conclusões que podem ser tomadas é que a escola tem que voltar todo o seu trabalho para o envolvimento do aluno com momentos prazerosos e descontraídos, envolvendo também, o conceito de seriedade e de disciplina nesses momentos, atitudes essas que caminham juntas e ajudam na compreensão de cada etapa do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: afetividade, educação, criança, aprendizagem, professor.

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se deu pela relevância e preocupação que professores têm com o tratamento dado pela escola aos alunos, onde muitas vezes falta afeto e dinamismo. Sabe-se que um dos maiores desafios que se coloca atualmente para a construção do conhecimento em nível de práxis pedagógica é a necessidade da articulação entre o trabalho de sala de aula e a prática social.

Não realizar esta articulação é esvaziar substancialmente o processo de conhecimento. Para que tal fato aconteça é preciso que a escola se torne um ambiente acolhedor, dinâmico e que propicie ao aluno momentos de sugestões, de discussões, lembrando sempre que o caminho se faz ao caminhar e não em encontrar uma estrada já pronta e estática.

A opção por este tema é pela importância que ele pode trazer aos alunos, proporcionando uma elevação da auto-estima, uma melhoria no relacionamento professor-aluno e aproximando espontaneamente o aluno aos interesses da escola, interesses esses, que podem ser vistos como um bom entendimento e aquisição do que foi ensinado.

A escolha da turma de 4ª série ocorreu pelo fato do seu ingresso em outra etapa do Ensino Fundamental no ano seguinte, o que pode ocasionar algumas mudanças de comportamento nos alunos e as dificuldades de aprendizagem podem surgir como consequência desse novo ambiente.

Segundo FERREIRA (2001), o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa refere-se à palavra *afetividade* como um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifesta sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”. Com isso, percebe-se que o afeto faz parte da natureza humana.

Os educadores sabem que a educação é tema de relevância para o qual deveriam convergir idéias e recursos, de forma a torná-la mais coerente com os desafios da sociedade atual. Muito se tem questionado e debatido sobre a importância do afeto em sala de aula, seus resultados e seu valor prático.

No primeiro capítulo, a abordagem está voltada para o referencial teórico, onde pode-se observar vários conceitos e pareceres de autores renomados. No segundo capítulo, o enfoque é para as orientações metodológicas, com a descrição do instrumento de pesquisa, dos participantes e os meios de coletas de dados. No terceiro capítulo, surge a

importância da afetividade na construção do conhecimento, relatando a prática educacional como realização social, mostrando a visão do ensino inovador, a atuação do estabelecimento de ensino e do professor motivador, a interação afetiva professor / aluno e algumas dicas para motivação do alunado. No quarto capítulo, a abordagem se volta para os valores apreendidos, a disciplina, a cooperação, trata também da afetividade como forma cognitiva para superação de diferenças, a importância do papel sócio-afetivo no âmbito escolar; o assunto tratado neste quarto capítulo ainda abrange a ludicidade como forma efetiva de aprendizado.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico desta pesquisa consiste em abstrair dos autores estudados o máximo de informação possível, e inicialmente, procuramos entender que, para que o aluno tenha a liberdade de aprender com afetividade o mestre precisa se tornar um facilitador. Para ROGERS (1986) este termo “facilitador” traduz um mestre que estabelece em sua sala um clima positivo construído pela confiança em relação ao grupo e às pessoas. E, para ser um facilitador, o docente deve também aceitar a si próprio, conhecer seus limites, ser ele mesmo, sem fachadas e máscaras, precisando ainda, estabelecer uma compreensão "empática" com o aluno, de modo que o leve a compreender como o outro sente os acontecimentos, como expressa suas idéias e também os sentimentos.

As emoções para WALLON (1986) têm papel predominante no desenvolvimento do aluno. É por meio delas que o ele exterioriza seus desejos e vontades, em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulada pelos modelos tradicionais de ensino. As transformações fisiológicas de um aluno revelam traços importantes de caráter e personalidade. A afetividade refere-se às experiências subjetivas, que revelam a forma como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos dentro do ambiente escolar.

Segundo o autor, a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. E o professor é quem prepara e organiza o microuniverso da busca e do interesse. A postura desse profissional manifesta-se na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que, em cada idade, diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo.

Para o autor, a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações diárias dentro e fora do ambiente escolar, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

A posição de WALLON (1986) a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definida. Na sua opinião, ela tem papel imprescindível

no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Segundo o autor, a afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação estreita tanto que as condições de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento humano, tanto que “... *a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente*” (WALLON, 1986, p. 28).

O autor relata que, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão. A afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. Tanto que o autor defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.

Do ponto de vista walloniano, a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui, como as demais manifestações, sob o impacto das condições sociais. É interessante perceber a relação complexa entre a emoção e o meio social, particularmente, o papel da cultura na transformação das suas expressões. Se, por um lado, a sociedade especializa os meios de expressão da emoção, transformando-os em instrumentos de socialização, por outro lado, essa especialização tende a reprimir as expressões emocionais. As formas de expressão tornam-se cada vez mais socializadas, a ponto de não expressarem mais o arrebatamento característico de uma emoção autêntica.

O autor menciona que, a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento, são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. É mais salutar para uma criança de quatro anos ser ouvida e respeitada do que ser simplesmente acariciada e beijada. Por exemplo, no estágio personalista, em que o comportamento dominante é o afetivo, a função dominada, a inteligência, pactua com as conquistas da afetividade, preparando-se para sucedê-la no próximo estágio. A evolução da inteligência é incorporada pela afetividade de tal modo que outras relações afetivas emergem. O advento da representação, uma

conquista do campo intelectual, permite à criança ter relações afetivas mais complexas, como a paixão e o sentimento.

Para FREIRE (2002), educar é uma das tarefas mais complexas impostas pela vida, uma vez que se exige reflexão enquanto agentes formadores e facilitadores do processo, acerca da postura, da conduta e sentimentos. Com isso, ele menciona que a afetividade não pode ser confundida com considerações pedagógicas sem precedentes, pois é elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem.

CUNHA (1989) pondera que há comprovação que o desenvolvimento afetivo tem grande influência no processo de aprendizagem do aluno, uma vez que quando se trabalha a afetividade dentro da escola os resultados podem influenciar não só o aprendizado, mas também a capacidade do jovem se relacionar melhor no meio social. É fundamental que a afetividade seja trabalhada na escola, pois ela deve ser aplicada, de uma forma geral, englobando o aspecto intelectual, o aspecto sensório motor e o contexto cultural.

Para o autor, a aprendizagem, como qualquer etapa da vida do ser humano, deve ser prazerosa, deve ser algo que estimule o ser em desenvolvimento a querer aprender sempre mais e com maiores detalhes. Quando a criança é estimulada com carinho e atenção para os estudos, incentivada pelos pais a realizarem as tarefas de casa, a freqüentarem a escola fazendo dela uma continuação de seu lar, o processo de ensino-aprendizagem ocorre com maior naturalidade, lembrando sempre que não existe uma regra definida para recusa ou aceitação do aluno, mas nesse caso a probabilidade de acerto é maior. Do outro lado, na escola, os professores e funcionários estão em busca para promover um ambiente de confiança, fraternidade e de comunicação, para que essa criança corresponda positivamente, aprendendo os conteúdos com maior embasamento e tendo uma boa convivência com os colegas.

Para a autora é necessário que os professores desenvolvam atividades e tenham noção de como ocorre a aprendizagem e como se aprende. É preciso que se trabalhe esses aspectos em conjunto num mesmo momento, a aprendizagem é um processo. Sabendo que a sociedade necessita de pessoas que faz parte desse processo e que tenham sensibilidade, habilidade intelectual, motora, competência, e isso inclui criatividade, que não se repita modelos, que tenham capacidade de estar com o outro. Capacidade de se relacionar com o outro e uma visão de mundo como conjunto. Essa afetividade pode ajudar os alunos a serem pessoas menos violentas, que tenham a capacidade de se relacionar e se expressar.

VEIGA (1991) aponta que o ato de criar favorece uma pedagogia de afeto na escola, permite um ato de amor, de afetividade cujo território é o dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medos, sofrimentos, interesses e alegrias. Uma relação educativa que pressupõem o conhecimento de sentimentos próprios e alheios que requerem do educador a disponibilidade corporal e o envolvimento afetivo, como também, cognitivo de todo o processo de criatividade que envolve o sujeito-ser-criança, é o mais favorável para formação de uma criança.

ALVES (2001) aponta que a afetividade é estimulada por meio da vivência, a qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo do aprender. A questão da afetividade, de uns tempos para cá, tem sido bastante discutida por educadores. Intuitivamente, professores, pais e educadores percebem, no dia a dia, a importância da afetividade no processo de educação.

De acordo com PIAGET (2001), não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto à compreensão; enquanto na acomodação a afetividade está presente no *interesse pelo objeto novo* (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

Para PIAGET (2001) é necessário construir um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com uma concepção, que atribui ao desenvolvimento do intelecto, dos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, relegando os aspectos emocionais e afetivos de vida a um segundo plano. Acredita-se poder avançar as discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação, se incorporar no cotidiano das escolas o estudo sistematizado do afeto e do sentimento, encarados como objetos de conhecimento.

Para CUNHA (1989), mesmo atuando em uma sociedade moderna, continua-se reconhecendo no professor, além da capacidade de ensinar conhecimentos especializados, a tarefa de transmitir, consciente e inconscientemente, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento que contribuem eficazmente para a permanência da vida

social. As relações são os aspectos mais ressaltados pelos alunos, ainda que elas não possam ser separadas completamente do todo que é o professor. As relações devem ser entendidas pelo lado afetivo, ainda que não apareça como desejável para o aluno o professor “bonzinho”. O que eles querem é um professor intelectualmente capaz e afetivamente maduro.

ROSSINI (2001) relata que a pedagogia da afetividade é a teoria de enternecimento das relações escola-família-sociedade transformando e formando as crianças em indivíduos sensíveis, conscientes, solidários, enfim, indivíduos preocupados com o social e bem estruturados emocionalmente, pois receberam da família e da escola tanto cultura quanto afetividade; atenção e respeito, fundamentos básicos para a mudança basilar da sociedade.

Segundo a autora, sendo um componente importante do equilíbrio e da harmonia da personalidade, a afetividade domina a atividade pessoal, tanto instintivamente quanto nas percepções, na memorização, no pensamento, no desejo e na sensibilidade corporal devendo se dar por meio do trabalho com limites, do resgate dos mitos do cotidiano e do desenvolvimento do indivíduo em seus aspectos físicos, cognitivos e psíquicos. Uma criança bem estimulada afetivamente, ao chegar a vida adulta, terá uma capacidade maior de conviver com as fases negativas da vida com determinação e autoconfiança.

GOLSE (1998) alerta que a escola que educa verdadeiramente preza por cuidar de cada educando como se fosse um filho, orientando e analisando seus pontos fracos, ouvindo seus dilemas ou suas pequenas curiosidades, mostrando o caminho da justiça, do dever, do conhecimento e da lealdade aos ideais e aos amigos. É a escola participante da família do educando.

Conforme o autor, a criança é um ser social. Ao recebê-la na porta da escola, recebe-se também toda a gama de impressões, informações e assimilações bem vivenciadas ou não, bem elaboradas ou não em casa. Como todo ser social, ela também se interessa pelo mundo que a cerca, todavia se depara não só com os aspectos positivos da vida, mas com os negativos, e exatamente nesse momento o professor deve intervir afetivamente, buscando conquistá-la e dando suporte para que o aprendizado aconteça.

Ainda para o autor, todos os indivíduos se baseiam em modelos. Entretanto, há os modelos bons e os modelos ruins: os modelos são buscados nos momentos em que o indivíduo, em qualquer fase de seu desenvolvimento, se sente abalado emocionalmente, se sente curioso ou depressivo. Portanto, a família e a escola devem estar atentas e em

sintonia a quaisquer sinais diferentes de comportamento. As mudanças na maneira de agir muitas vezes são um pedido de ajuda, uma vez que as crianças não conseguem expressar claramente, pois não têm domínio sobre suas ações e sentimentos.

Para MAUCO (1986), a criança só se sensibiliza quando se sente parte de um grupo: família, escola, sociedade e entende que, em cada um deles, sua presença e sua contribuição são importantes. E nesta pesquisa, especificamente, a escola pode contribuir dando ao aluno o direito de ser ouvido e compreendido. Os professores que trabalham dessa maneira dão ao estudante caminhos para reconhecer seus sentimentos, desde pequeno. Daí para que ele se torne responsável por suas atitudes é uma questão de tempo. Para que você crie esse ambiente acolhedor, é necessário entender o que é afetividade e por que ela é fundamental na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com os outros.

Assim, VYGOTSKY (1993), defende a tese de que diferentes culturas produzem modos diversos de funcionamento psicológico e busca romper com as teses que relativizam o papel que a afetividade detém para a promoção do desenvolvimento psicossocial do homem, colocando-a independentemente de especificidades culturais. Para ele, existe a necessidade do reconhecimento de que a afetividade possui um caráter de ação que norteia toda atividade humana.

Segundo VYGOTSKY (1993), sendo o aspecto afetivo construtivo da natureza humana e elemento responsável pela definição das relações interindividuais, base para todo desenvolvimento sócio-cognitivo do ser humano, convém, destacar também a afetividade como parte integrante desse aspecto e seus determinantes no processo ensino-aprendizagem, bem como, todas as ações da vida prática do indivíduo.

Para o autor, no campo educativo, costuma-se responsabilizar a afetividade tanto à facilidade com que o educando aprende, quanto pela ausência de sua aprendizagem, no entanto, não se pode ser reducionistas a ponto de negar os inúmeros fatores que envolvem essas realidades, uma vez que a afetividade consiste apenas em mais um elemento considerável e imprescindível, seja para aprender ou realizar algo. Nesse sentido, vale ressaltar que todo comportamento pressupõe um motivo, seja no espaço específico de sala de aula ou em todas as ações da vida humana, estas são movidas por uma força motivacional, embora não esteja explícita.

CAPÍTULO II

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa propõe verificar se no tratamento dado pela Escola Classe 14 de Planaltina - DF., aos alunos de 4ª série, existe a preocupação de se trabalhar a afetividade, uma vez que autores renomados como: Rogers, Piaget, entre outros, explicitam que, para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem com desenvoltura é necessário que escola, professores e comunidade tratem seus alunos com afeto e carinho.

O objetivo geral desta pesquisa foi em identificar se a afetividade faz parte da prática diária no relacionamento escola-professor-aluno. Os objetivos específicos foram criados para: relacionar as práticas pedagógicas da 4ª série e se nelas contém afeto, dinamismo e compreensão por parte dos professores em relação aos alunos; identificar o relacionamento afetivo professor-aluno em sala de aula; compreender a forma de como a afetividade contribui para o aluno ter um bom aprendizado; trabalhar com a 4ª série atividades de descontração que envolvam desejos como: confiança, opiniões e dúvidas para que os alunos possam ter maior aproximação com os professores; e proporcionar periodicamente momentos em que os aspectos psicológicos / emocionais: companheirismo, afeto e solidariedade possam ser trabalhados, de forma que o aluno perceba o quanto é importante estudar em um ambiente favorável ao aprendizado.

Lembrando que o propósito da pesquisa é que a escola utilize em suas atividades diárias a afetividade como meio para se alcançar melhores resultados tanto no relacionamento professor-aluno quanto no rendimento dos alunos em relação aos conteúdos.

A afetividade dentro do espaço escolar prioriza uma nova dinâmica das relações sociais através da mobilização de toda a comunidade escolar: famílias, alunos e educadores. Esta ação possibilita a promoção de uma educação afetiva direcionada a propiciar meios para o aluno desenvolver habilidades para resolver problemas, assim como competências para responder pelos seus atos e vivências.

A prática diária dos professores é embasada em atividades que envolvem afetividade no contato direto com alunos e demais membros participantes da comunidade escolar. O professor se utiliza dessa prática para que os momentos em sala de aula se

tornem mais prazerosos e que os alunos se sintam confortáveis em relação aos conteúdos trabalhados, ou seja, ele procura ofertar meios para que o aluno esteja aberto nos vários momentos em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem.

Os procedimentos metodológicos tiveram por base a pesquisa investigativa em livros e informativos para se alcançar o embasamento teórico em sustentações de autores.

Foi confeccionado um questionário, para aplicação em turmas de 4ª série, que serviu como instrumento de pesquisa junto aos alunos, o qual foi analisado e discutido para obtenção dos resultados.

O questionário foi aplicado para trinta e oito alunos e teve por finalidade obter informações de como eles se sentem diante de sua professora, da aula ministrada por ela, a convivência, o comportamento e a postura diante das atividades desenvolvidas.

Os alunos investigados estão na faixa etária entre 10 e 14 anos de idade, são carentes financeira e afetivamente, possuem baixa auto-estima, são indisciplinados, estão sempre propensos à reprovação e a maioria deles não realiza uma higiene pessoal básica. Os alunos residem com os pais, mas os mesmos não dão assistência necessária em relação ao rendimento escolar, essa mesma criança, por sua vez, não possui momentos de lazer, o que dificulta a vivência apropriada da infância.

CAPÍTULO III

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

3.1. A Educação como Prática Social

Para CUNHA (1989) o trabalho do professor é o de facilitar o aprender, e é na própria vivência que ele compreende o processo. A educação é uma prática social que prescinde de ações honestas e ousadas de professores que pretendam formar alunos autônomos, sensíveis e interessados. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica. É na interação e no diálogo que o ser humano esbarra no que o difere dos outros seres: ele possui o lado emocional e a sensibilidade.

Para a autora só acontece uma aprendizagem válida quando o estudante apreende seu objeto como tendo uma relação com seus projetos pessoais, deste modo, o mestre deve ajudar o aluno a encontrar e tratar de problemas que lhe sejam significativos. Pode oferecer um ambiente escolar compreensivo e encorajador, e um dos melhores meios para promover a aprendizagem com afetividade consiste em confrontar o aluno com problemas práticos, pessoais, sociais, morais, filosóficos e problemas de pesquisa.

Ainda segundo a autora um ensino autodeterminado é aquele que envolve tanto os sentimentos como a inteligência, é aquele que penetra e é mantido por mais tempo; a aprendizagem mais eficaz é aquela em que a pessoa empenha numa aprendizagem de si para si.

Para ALVES (2001) a afetividade dentro do espaço escolar prioriza uma nova dinâmica das relações sociais através da mobilização de toda a comunidade escolar: famílias, alunos e educadores. Esta ação possibilita a promoção de uma educação afetiva direcionada a propiciar meios para o aluno desenvolver habilidades para resolver problemas, assim como competências para responder pelos seus atos e vivências. As ações a serem desenvolvidas, promovem espaços próprios para a reflexão coletiva tornando as experiências do grupo ricas e multiplicando as possibilidades de contribuição diferenciada de cada um como forma de estimular a capacidade de pensar, investigar, questionar e criar dos alunos.

Para ele, a linha de raciocínio a ser utilizada é participativa e privilegia o diálogo, a discussão de valores, o respeito às diferenças, os limites individuais e as relações interpessoais, tendo como base a afetividade e o conhecimento constituído a partir do saber e das vivências dos alunos.

Para VEIGA (1991), os países modernos têm uma tendência para o *individualismo* exacerbado, acarretando uma competitividade cada vez maior, sendo que essa visão de mundo trás consigo o isolamento e a deteriorização das relações sociais. A lenta desintegração da vida em comunidade e a necessidade de auto-afirmação estão acontecendo, paradoxalmente, num momento em que as pressões econômico-sociais estão a exigir maior cooperatividade e envolvimento entre os indivíduos.

3.2. Visão de Ensino Inovador

Segundo ROGERS (1986), o professor facilitador compreende os sentimentos do estudante e o aceita como é, optando por uma atitude de consideração positiva incondicional. Essa aceitação é a exigência de respeitar o outro como alguém que tem o direito de ser diferente da pessoa do mestre. O mestre facilitador, empático e acolhedor não se torna o dono da identidade do aluno, mas, também, não perde a sua própria. A teoria rogeriana tem uma grande relevância pela insistência dada à importância da qualidade das relações interpessoais e na confiança que é necessário dar ao aluno.

Para o autor é incontestável como o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência do aluno. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam despertados. A afetividade é uma condição indispensável para a constituição da inteligência, embora não seja suficiente. A Afetividade é quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável e confere uma disposição entusiasmada.

O autor pondera que a afetividade é quem confere o modo de relação do aluno à vida e será através da tonalidade de ânimo que ele perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do aluno.

A visão de ensino inovador fundamenta-se em princípios que resultaram da experiência de ROGERS (1986), são eles:

- Os seres humanos têm uma capacidade natural para a aprendizagem, a qual, não se efetua sem alguma dor, mas, o ser humano obtém prazer em desenvolver seu potencial, o que acaba por ultrapassar as dificuldades que sofre.
- A aprendizagem que implica em mudança na organização ou percepção do ego é sentida como ameaçadora e existe uma tendência à resistência, o que pode torná-la penosa e ameaçadora.
- Ameaças contra o ego, como o ridículo, as humilhações, o rebaixamento e o desprezo constituem ameaças à percepção que cada um tem de si mesmo e, como tais, interferem seriamente na aprendizagem.¹

Portanto, a aprendizagem é facilitada quando o estudante escolhe por si mesmo os meios para aprender e percebe que deve responsabilizar-se de modo direto pelas conseqüências de suas ações.

3.3. O Papel do Estabelecimento de Ensino e do Professor Motivador

A falta de preocupação com a área da afetividade revela-se como uma rotina no estudo na criança. A escola, que ainda continua à margem dos estudos sobre o desenvolvimento infantil, desconhece as relações entre os aspectos afetivo, motor, pessoal e cognitivo, limitando-se a prover este último item.

Parece que os alunos construíram uma percepção da função da escola que corresponde exatamente àquela que vai ser desempenhada pela instituição na sociedade, ou seja, a de ensinar. Essa percepção liga-se a consciência que os alunos revelaram sobre o papel da escola na socialização dos reconhecimentos e às relações que são estabelecidas nesse contexto.

Na instituição escolar acontece uma importante relação interpessoal que é a estabelecida com os amigos. A escola inclui, portanto, pessoas queridas como a professora e os colegas que são amigos e com os quais se brincam, e que fazem parte das lembranças positivas que permanecem na memória da infância.

A escola para os alunos é um lugar de aprendizado: ler, escrever, fazer cálculos, desenhar, pintar, encontrar os amigos, brincar, respeitar os outros, cooperar, enfim, é um local próprio para a educação.

¹ ROGERS, Carl. Liberdade para aprender. 3ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1986, p. 64.

Como espaço do encontro relacional professor/aluno/conhecimento, a sala de aula é o local onde deve ocorrer a integração entre o conteúdo das atividades escolares e a realidade cotidiana da vida das crianças. Precisa ser um espaço aberto onde o aluno seja estimulado a enfrentar situações diversas que estejam presentes e que constituam parte de sua realidade, sendo assim, nesse espaço não é possível a convivência com o fracasso escolar.

A escola é um espaço onde se aprende as regras da partilha, da cooperação, da solidariedade e da resolução de conflitos. É um local sério, mas divertido, exigente, mas flexível e, sobretudo, um local de convívio agradável, onde se busca aprender e crescer, pois é um espaço onde a maioria dos alunos passa grande parte do seu tempo. Para muitos a escola é a sua segunda casa.

Embora a escola propicie tantos momentos, a crise instalada nesta instituição é um fato. Professores, alunos e pais sofrem as consequências dos diversos problemas. No entanto, apesar deste mal-estar, que parece ser sentido por todos, muitas vezes as causas de tal situação chegam a ser ignoradas.

Os professores pressionados por um programa curricular a cumprir e poucos atentos aos alunos, desenvolvem esforços que são avaliados pelo comportamento e aproveitamento dos seus educandos.

Os alunos vêm à escola como sendo um local obrigatório, desejando que se torne um espaço de descobertas e experiências. Encaram as aulas e as avaliações como a parte mais negativa de todo o ambiente escolar, mas compreendem que faz parte de todo um processo.

Muitas vezes, este espaço chamado escola é demasiadamente fechado, no qual se ensinam conhecimentos rígidos, sem margem para criatividade, o que leva então os alunos a irem à escola por obrigação, quando deviam ir por motivações intrínsecas. Segundo WERNECK (1992), na maioria das escolas de hoje, domina uma rotina destruidora, dada à preocupação dos professores em “dar matéria”, trabalhando de uma forma nem sempre compreendida por parte dos alunos e ambos (professores e alunos) vão para as aulas esperando que o dia passe passivamente e que o tempo de aulas seja o mais breve possível, depositando os seus interesses em atividades extracurriculares.

Perante tais problemas, é mais fácil para os pais culparem os professores, a escola ou todo o sistema educativo, enquanto os professores remetem a culpa para a família e para o sistema de ensino que os obriga a cumprir objetivos rígidos. No entanto, em vez de procurar culpados, importa perceber como o problema se iniciou e o que se pode

fazer. Em seguida, deve-se atuar de forma remediativa, já que a prevenção ficou aquém do que seria desejado e resolvendo as dificuldades em conjunto com todos os interessados.

BECKER (1993) critica incansavelmente aspectos como a rigidez da escola, a falta de articulação com outras estruturas, a falta de especialização de funções dentro da escola, entre muitos outros aspectos, salientando sempre que a escola não é apenas um local de instrução e fala sobre sugestões para possíveis casos, bem como necessárias intervenções.

Quanto ao comportamento dos alunos, BECKER (1993, p. 48) aponta que: A indisciplina parece aumentar. Há muito que venho a chamar a atenção para a profunda crise dos pais, inseguros no seu papel parental e sem locais onde se dirigir para esclarecer as suas dúvidas e perplexidades. A comunicação pais / professores não tem progredido.

De fato, os alunos já não aceitam que o ensino lhes seja imposto sem contestações e as suas lutas conduzem a soluções pouco satisfatórias. As transformações atuais não dão uma resposta suficiente às suas aspirações. Para BECKER (1993) a situação só mudará quando os estabelecimentos de ensino passarem a ser espaços privilegiados de comunicação, no qual se viverão experiências mais ricas a nível desenvolvimental, locais onde crianças, adolescentes e adultos possam se conhecer melhor e falar sobre os mais diversos assuntos, onde os alunos com maiores dificuldades terão um apoio suplementar individualizado. Enfim, instituições onde não seja preciso chamar os pais, pois eles serão os primeiros a quererem ir lá.

A escola deve começar se reorganizar e desenvolver o trabalho pedagógico de forma mais competente. Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem poderá ser bem mais agradável e livre de muitos problemas. A educação é um processo de interação entre as pessoas, em que o professor é um sujeito que ensina, mas é também um sujeito que aprende. E o aluno que aprende, também ensina.

Hoje, há um novo tipo de aluno, com novas experiências, que não aprende mais da forma empirista que era ensinada, baseada em estudos de fixação, montada na base de estímulos e respostas, em que só uma resposta era coerente e convincente, portanto, correta.

Atualmente, o aluno está submetido a outros apelos e tem novos valores. Este aluno enfrenta ainda alguns problemas devido ao fato da escola continuar com a avaliação tradicional, autoritária, com a marca de apenas estabelecer regras de conhecimento e não intervir para as mudanças.

A tarefa de ensinar cabe ao professor e ele deve levar em conta a motivação, pois todo aluno aprende bem um certo conteúdo quando ele acredita que vai precisar disso para algum momento de sua vida ou quando o assunto abordado é de seu interesse. Do contrário, o aluno aprenderá coisas pela pressão da sociedade, como é o caso de ler e escrever. A sociedade cobra que todos saibam ler e escrever, o indivíduo com menos estudo é visto pela sociedade como um “excluído”, mas na realidade isso é um absurdo, pois a maioria deles tem um conhecimento de mundo grandioso, até mesmo pela vida que levou.

Mas para que aconteça a motivação é preciso que o aluno tenha à sua disposição o material de ensino. Segundo BERGAMINI (1996), quanto mais cedo a criança for apresentada aos cadernos, aos livros, à escola mais facilidade ela terá em aprender.

É muito importante para o aluno ter o apoio do professor, tê-lo como aliado de classe. O educador deve levar em conta que o conhecimento está presente em todos os lugares e não somente no ambiente escolar. Ao chegar à escola, a criança já tem conhecimento da língua que fala, ela pode aprimorar esse conhecimento tendo contato com outras formas de uso da língua, especialmente a escrita. O conceito de que o aluno vai para a escola para iniciar sua aprendizagem e que o professor é o único responsável pela aprendizagem, foi modificado, pois os avanços tecnológicos, o desenvolvimento das ciências e da própria sociedade fazem com que as pessoas estejam em constante aprendizado.

Muitas escolas do ponto de vista pedagógico provocam a não-aprendizagem, fazendo com que o aluno apenas fique preocupado em tirar notas boas, não se esforçando, assim, para aprender.

É importante que o professor tenha ética, para não comprometer o processo de mudança dentro da escola. Ele tem que dar ênfase à criatividade, fazendo da educação uma forma de libertação, dando a todos os alunos a mesma oportunidade e respeitando as diferenças.

O professor deve ser um facilitador da aprendizagem, mesmo tendo sido formado em um regime conteudista, o processo de mudança, muitas vezes, tem uma postura desconfortável, porém essa mudança é possível, basta o professor exigir um pouco de si mesmo, pesquisando e pondo em prática o que de novo aprendeu. Ele vai construindo o seu intelecto ao longo do tempo. Como diz FREIRE (2002, p. 25): “*Mudar é difícil, mas é possível*”.

E falando em mudança, o professor deve adquirir novos meios para sua prática diária, e um deles é a teoria do aprendizado significativo que, segundo AUSUBEL (2000) tem exercido uma enorme influência na educação. Em particular, a teoria da assimilação descreve como o estudante adquire conceitos, e como se organiza sua estrutura cognitiva.

Para o autor, o principal fundamento no processo de ensino é que a aprendizagem seja significativa. Isto é, o material a ser aprendido precisa fazer algum sentido para o aluno. Isto acontece quando a nova informação “ancora-se” nos conceitos relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz.

Nesse processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, que o autor chama de conceito “subsunçor”. Quando o material a ser aprendido não consegue se ligar a algo já conhecido, ocorre o que ele chama de aprendizagem mecânica, ou seja, isso ocorre quando as novas informações são aprendidas sem interagirem com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis e outros conteúdos para a prova e esquece logo após a avaliação.

Uma vez motivado, o aluno pode aprender, mesmo que com pouca eficiência, sem professor, sem livros, sem escola e sem quaisquer recursos que promovem a aprendizagem, no entanto, mesmo estando cercado de recursos, se não existir alguma motivação de quem aprende, a aprendizagem não acontece.

Para CARRASCO (2001) motivar significa predispor-se com um comportamento desejado para determinado fim. Os motivos ativam o organismo na tentativa de satisfazer suas necessidades e dirigem o comportamento para um objetivo que suprirá uma ou mais necessidades.

A motivação deve receber especial atenção e ser mais bem considerada pelas pessoas que mantêm contato com os alunos, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento. A motivação é a energia à aprendizagem, ao convívio social, ao afeto, ao exercício das capacidades gerais do cérebro. Pais, educadores e especialistas que lidam com crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo as suas decorrências futuras, tais como a autopercepção e o hábito de desenvolver a motivação intrínseca, reduzindo a necessidade de buscar motivação extrínseca para a realização de alguma tarefa.

Ao compreender aspectos da motivação em certo período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer ao aluno, desde que haja um compromisso nesta relação. O aluno se sente motivado a executar muitas tarefas em

virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural do aluno, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte da própria natureza humana.

Seguindo a linha das relações afetivas nota-se que muitos alunos indesejados em sua família e excluídos da sociedade deparam-se com a difícil tarefa de aprender. Alguns desprovidos de confiança em seu potencial, marginalizados por sua condição social e rotulado como indisciplinado, estes são como terríveis carimbos atribuídos ao educando. É necessário que o professor motive-o para que o mesmo tome-se um multiplicador do ato de aprender.

FREIRE (2002, p. 51) cita em suas propostas da educação cidadã:

A escola exerce a função socializadora do indivíduo e o professor é o agente transformador. Desenvolver a criticidade e o respeito desde o ambiente escolar propicia ao aluno uma visão ampla de suas atitudes perante a sociedade.²

Há muito existia o mito da escola que ensina para o futuro, fato este desmistificado na prática pedagógica de cada educador, pois é vivendo o hoje e aprendendo a conviver com todos os conflitos que o aluno se estrutura para o futuro. É conhecendo e participando das mudanças sociais e políticas com responsabilidade que o futuro poderá ser promissor. E cabe ao professor mediador, apresentar novas perspectivas de valorização e confiança que o aluno perceberá sua função na sociedade.

Porém, é dicotômico abordar a motivação do aluno, se pararmos para analisar a saúde psicológica do professor diante das estruturas do sistema de educação, de sua valorização enquanto profissional e do reconhecimento da comunidade escolar. Percebe-se que muitos educadores não apresentam motivação para exercer suas funções, depressivos e frustrados começam a formar a rede do descrédito funcional. A estrutura do ensino muitas vezes, não permite ao profissional perceber sua desmotivação, e duas causas comuns são: a preocupação com os dias letivos e a sala de aula.

Aliada aos fatores sociais, econômicos e estrutura familiar a desmotivação do aluno e a própria estrutura psicológica do educador, encontramos os altos índices de fracasso escolar especificamente nas turmas de 5ª séries, remetidos nos percentuais de reprovação, hoje denominada de retenção.

²FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 11 ed. São Paulo: Vozes, 2002, p. 51

Mudam-se os vocábulos, porém as questões relacionadas à funcionalidade e precariedade das instituições, bem como os problemas sócio-afetivos e pedagógicos formam uma imensa pirâmide de erros e descasos, nesta hierarquia o educando se encontra na base inferior, por ser segundo a sociedade e a escola, o único fracassado.

Desde a concepção do ser humano diversas são as cargas genéticas que este recebe, as quais influenciam nos aspectos físicos como hereditariedade e as características provindas do DNA, além destes, receberá também o estímulo através de carinho e das palavras de seus genitores. Toda essa energia de pensamentos e palavras irá compor sua estrutura emocional aliado aos sub-sensores do conhecimento e às influências do meio ao qual fará parte. Assim o homem nasce com inúmeras características, normas, condutas sociais das quais desconhecia e que o meio o fará compartilhar e exercer suas funções de acordo com os padrões estipulados pela família, sociedade e pela cultura.

Vários estudiosos das áreas da Psicologia e teóricos das práticas pedagógicas enfatizam a importância da afetividade. A própria didática permeou por diversos processos de evolução e modificação da postura inicial do professor que expunha todo aquele conhecimento, por ele supremo e que o educando propunha-se somente a ouvir e a decorar os ensinamentos a ele apresentados. A didática valoriza outros caminhos, encontrando no contexto crítico-social e na didática dialética de FREIRE (1996) o respeito pelas relações afetivas, sociais, políticas e do conhecimento.

É neste contexto que o educador passa a valorizar seu aluno como um todo: como ser que pensa, age, atua, odeia e deseja. Descobre que todo esse conjunto vem para ser reconhecido, valorizado, explorado e respeitado.

Tendo o professor este conjunto de idéias à sua disposição e sendo ele composição deste, é válido estabelecer um elo entre a emoção, o respeito e a razão para que o ensinamento seja realmente duradouro.

3.4. Interação e Afetividade na Relação Professor / Aluno

Nas colocações feitas até aqui, ficou evidente que, a interação professor / aluno constrói um esquema afetivo na inter-relação do aluno com o meio, onde formarão sentidos de valores, respeito pelo ambiente e conhecimento de si mesmo para o relacionamento com as outras pessoas. É fundamental que o professor observe seus alunos com mais atenção,

não tente julgar e nem mudar a sua maneira de ser, que não faça imposição. Que ele desenvolva o desejo de participar do grupo em que convive através da construção do conhecimento e que o professor seja um transformador de idéias e gerador de opiniões. (CHALITA, 2001).

Contudo não queremos dizer que o professor seja bonzinho e que dê liberdade demais ao aluno, falamos de uma concepção onde o professor domine o conteúdo, seja comprometido e que através desses itens, estimule o aluno a uma aprendizagem real.

Mas não estamos afirmando que o professor seja de todo, o culpado pela indisciplina, desinteresse, dispersão e mau relacionamento dos alunos na escola. O professor também sofre uma descarga de novas teorias, que talvez até mal interpretada, sem tempo para reflexão, ele leva-as para a sala de aula, pensando que, com essa nova metodologia, resolverá os problemas na sua docência; porém, logo percebe que surge outro método atualizado, que seria a salvação e por aí vai sempre mudando, mas não atingindo o seu objetivo maior, que é ensinar com excelência. O ideal mesmo é que o professor mantenha uma constante formação, atualizando seus conhecimentos, sem perder de vista seu objetivo, utilizando a interação dentro do conteúdo contextualizado, que exerça sua autoridade de forma participativa e corrente com sua função, permitindo que a aprendizagem aconteça.

3.5. Alguns Meios para motivar o Aluno

Segundo CARRASCO (2001), alguns tópicos já foram consagrados, por isso, estabelecer metas individuais permite que os alunos desenvolvam seu próprio critério de sucesso:

- ✓ Emoções positivas melhoram a motivação. Se você pode tornar alguma tarefa engraçada ou emocionante, sua turma tende a aprender muito mais.
- ✓ Demonstre por meio de suas ações que o aprendizado pode ser agradável.
- ✓ Desperte no aluno o desejo de aprender.
- ✓ Dê atenção, mostre ao aluno que você se importa com o progresso dele. Ser indiferente a uma criança pode ser desmotivador.
- ✓ Mostre como o conteúdo pode ser aplicado na vida real.

- ✓ Explique sempre os objetivos da atividade.
- ✓ Em vez de recriminar respostas ou atitudes erradas, reconheça o trabalho bem-feito.
- ✓ Sempre que possível ofereça opções de atividades.
- ✓ Seja flexível ao ensinar. Apresente exemplos para estimular a reflexão.
- ✓ Use recursos visuais, como desenhos, fotos, gráficos, objetos, entre outros.

VYGOTSKY (1993) é um dos autores que apresenta maior contribuição no entendimento do complexo processo de aprendizagem humana. Ele propõe o interacionismo, que é baseado em uma visão de desenvolvimento apoiada na concepção de um organismo ativo, onde o pensamento é construído gradativamente em um ambiente histórico e em essência social.

A interação social possui um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e toda função no desenvolvimento cultural de um sujeito aparece primeiro no nível social, entre pessoas, e depois no nível individual, dentro dele próprio.

Segundo VYGOTSKY (1993, p. 62) “*a interação social é origem e motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual*”. Todas as funções no desenvolvimento do ser humano aparecem primeiro no nível social, depois no nível individual. A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as pessoas penetram na vida intelectual daquelas que as cercam.

A motivação começou a ser vista como um centro de interesse do ato pedagógico desde que as novas concepções de educação desmistificaram a idéia de que a aprendizagem não é resultado de simples memorização e repetição.

A grande quantidade de bibliografia sobre o tema demonstra que o interesse pela motivação tem levado pesquisadores a buscarem respostas para essa variável imprescindível, pois a aprendizagem proporcionando a modificação do comportamento satisfaz os motivos individuais para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem.

De acordo com BECKER (1993, p. 39), “Seja numa aprendizagem motora, ou numa que envolve a compreensão de relações e conceitos ou a apreensão de valores, só haverá aprendizado quando houver atividade do aprendiz, que por sua vez necessita de motivos para despertá-lo à ação”.

Ainda segundo o autor, motivar é despertar o interesse. No entanto, a definição de interesse é a atração emotiva exercida por um objeto ideal sobre a individualidade consciente. O interesse pode ser imediato quando se liga a um objeto

atual, implicando na relação com a própria atividade, ou pode ser mediato, quando se liga a um objeto ideal, implicando na relação com o objetivo para a qual a atividade se dirige. Neste sentido, o professor pode incentivar o aluno a despertar os motivos para a aprendizagem.

CAPÍTULO IV

UMA PEDAGOGIA DO AFETO e DA CRIATIVIDADE NA ESCOLA

4.1. Valores Apreendidos

Para CURY (2003, p. 41) o professor tem que ter sensibilidade, pois, a partir desta “se desenvolve auto-estima, estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos e de se socializar”. Para o autor a afetividade por parte do professor é imprescindível nos mais variados momentos dentro e fora da escola, ele aponta que os educadores, apesar de suas dificuldades, são insubstituíveis, uma vez que as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, mas sim por seres humanos.

Para TIBA (2002, p. 33) “O contexto escolar é menos permissivo e proporciona menos envolvimento e desgaste afetivo do que o meio familiar. Suas normas e as consequências do desrespeito a elas são mais claras e definidas”. O autor menciona que estabelecer limites em forma de diálogo com os filhos é construir laços de carinho, afeto, amizade e respeito, permitindo assim, que as normas de conduta sejam assimiladas e repassadas de forma natural. É importante lembrar que saber dialogar é também saber ouvir.

Para o autor, dar liberdade à criança para contar o que sente, respeitar sua opinião e valorizar suas realizações são atitudes carinhosas que a ajudarão a formar um adulto feliz e confiante. Uma educação apropriada requer equilíbrio entre liberdade e encorajamento para se expressar, de um lado, e o treino para aceitar limites, de outro. A criança precisa aprender que nem sempre vai poder ter tudo aquilo que quer, na hora que quer. Educar com disciplina é promover diálogos afetivos com os filhos, onde a família funciona como uma plataforma de lançamentos para outras aprendizagens necessárias à vida da criança, isso não significa que, pais de bom comportamento garantirão filhos bonzinhos, assim como uma criança má não necessariamente espelha a forma de agir do pai e da mãe.

O autor pondera que a escola é um lugar de formação e informação e deve favorecer a aprendizagem da criança na construção do seu próprio conhecimento, bem

como, propiciar instrumentos de compreensão da realidade para o exercício da cidadania numa sociedade democrática e não excludente.

O sentido de formação profissional implica em entender a aprendizagem como um processo contínuo e requer uma análise cuidadosa desse aprender em suas etapas, evoluções, avanços e concretizações. Requer redimensionamento dos conceitos que alicerçam tal possibilidade na busca na compreensão de novas idéias e valores.

A formação de professores é, hoje, uma preocupação constante para aqueles que acreditam na necessidade de transformar o quadro educacional presente, pois da forma como ele se apresenta fica evidente que não condiz com as reais necessidades dos que procuram a escola com o intuito de aprender o saber, para que, de posse dele, tenham condição de reivindicar seus direitos e cumprir seus deveres na sociedade.

O professor é a peça chave desse processo, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades dele desempenhar uma prática educacional consistente e significativa.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É saber aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. Nesta abordagem do processo educativo a afetividade ganha destaque, pois, acredita-se que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente. Esta idéia ganha adeptos ao colocar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento humano.

4.2. Educar com Disciplina

A maneira como se disciplina uma criança tem enorme influência em sua formação. Os castigos físicos e a obediência baseada no medo produzem adultos com baixa auto-estima, guiados por opiniões alheias.

A educação deve ser sempre uma preocupação da família desde que a criança nasce, pelo menos é o que se espera. À medida em que ela cresce, a família vai orientando suas aprendizagens e seus comportamentos, com a expectativa de que seu desenvolvimento prossiga em ritmo normal.

Uma educação apropriada requer equilíbrio entre liberdade e encorajamento para se expressar, de um lado, e o treino para aceitar limites, de outro. A criança precisa aprender que nem sempre vai poder ter tudo aquilo que quer, na hora que quer.

Educar com disciplina é promover diálogos afetivos com os filhos, onde a família funciona como uma plataforma de lançamentos para outras aprendizagens necessárias à vida da criança, isso não significa que, pais de bom comportamento garantirão filhos bonzinhos, assim como uma criança má não necessariamente espelha a forma de agir do pai e da mãe.

Os pais têm grande responsabilidade no processo de desenvolvimento da criança, e uma forma de brechar comportamentos impróprios dos filhos dentro e fora de casa é impondo disciplina. A disciplina requer estratégias apropriadas, ou seja, paciência e atitudes firmes para reverter um comportamento inadequado.

Os adultos são modelos para as crianças e estas por sua vez, tendem a imitá-los. Da mesma forma que o adulto consegue justificar seu ato irregular, a criança também consegue fazê-lo. Ao se falar sobre o mundo dos erros infantis, a maioria dos adultos se esquece de como é tentador fazer algo proibido. Com as crianças é a mesma coisa.

Quando as crianças têm em casa modelos constantes de gritos, de reclamações do trabalho, de violências verbais ou físicas, de manifestações de alegria ou atos carinhosos, estão aprendendo esses comportamentos e os repetirão em sua vida.

Educar com disciplina é refletir sobre suas crenças e valores sociais para o desenvolvimento saudável, diante de uma postura consciente, favorecendo a criança estímulos positivos para o seu bem-estar social e sua formação integral. Portanto, se elas não têm limites, saiba que a responsabilidade não é delas.

“Ao estabelecer um limite, exercendo sua autoridade, o pai não precisa abrir mão do carinho. Até mesmo um castigo muito duro pode ser imposto de forma carinhosa e respeitosa, sem abuso de poder. Carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração”.(TIBA, 2002, p. 198)³.

Os limites impostos pelos pais vão fazer com que a criança seja disciplinada, conseguindo não só respeitar as pessoas, as regras sociais e as leis, como também ser mais

³ TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. 1ª ed. São Paulo: Gente, 2002, p. 198.

respeitada. Em verdade, educar com disciplina é o alicerce do autocontrole, um edifício que se constrói desde cedo no desenvolvimento da pessoa.

Por essa razão a disciplina, enquanto recurso formador de bons hábitos e atitudes, deveria começar desde o nascimento, com medidas simples, observando as rotinas vivenciadas pela família para o bem comum de todos.

4.3. Afetividade e Cognição: Rompendo a Diferença na Educação_

WALLON (1986) pondera que pode avançar as discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação. Se a escola incorporar em seu cotidiano o estudo sistematizado dos afetos e sentimentos, encarados como objetos de conhecimento, o resultado pode ser altamente favorável.

O autor retrata que o estudo sobre afetividade tem como objetivo ressaltar o papel das emoções nos processos cognitivos dentro da perspectiva educacional, a partir do conceito afetivo, o qual representa um conjunto de perspectivas teóricas que buscam a conjectura entre afeto e cognição numa discussão paradigmática.

Para o autor, ensinar e aprender são dois atos que devem funcionar concomitantemente, um não tem consistência sem o outro, educar é um ato coletivo entre educando e educador, pois ambos devem estar afinados quanto a idéias, desejos, sonhos e outros sentimentos. Ele menciona que no processo educacional de aprendizagem não há partes, só existe o todo, que é o próprio processo. É justamente aquilo que permite entender que o verbo olhar tem menor valor que o verbo ver, uma vez que o olhar é uma condição biológica e tem limitação de alcance; enquanto que o ver é uma condição da alma, da existência humana e permite tocar a essência de cada ser e reconhecer as necessidades.

O papel da afetividade para PIAGET (2001) é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade”.

4.4. O Papel Sócio-afetivo no Processo Ensino-aprendizagem

A escola é uma instituição contextualizada, e isso varia segundo as condições que a envolvem. Sendo assim, suas ações determinam seu perfil. O professor em relação à escola, recebe influência do meio escolar, assim como a influência.

O modelo atual de conhecimento que se desenvolve nas escolas ainda é fruto, certamente, da influência sobre as práticas do passado, sendo o professor o principal meio de discernir práticas e ensino. Assim sendo o professor trata o conhecimento de forma como aprendeu e ainda como vivenciou nas escolas.

Deve-se levar em conta esses detalhes, mas deve também procurar refazer a concepção da ação de ensinar e aprender com interação. Se existir uma troca de conhecimento, entre professor e aluno dentro da escola, fatalmente a concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor terão de ser diferenciadas conforme os objetivos, o caminho, a conscientização e a integração.

FREIRE (2002, p. 28) menciona que: “Reduzimos o ato de conhecer ao crescimento existente a uma mera transferência deste conhecimento, e o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimento. Então, ele perde algumas das qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento, assim como no conhecer o conhecimento existente. Algumas destas qualidades são por exemplo, a ação e a reflexão crítica”.

A união do ensino com a interação do professor significa caminhar para que a educação seja integrada, envolvendo assim os participantes numa criação do conhecimento compartilhado. E para que haja essa integração é necessário que o professor conheça o mundo que rodeia o aluno e ver como o conhecimento se apresenta na experiência do aprendiz.

Na verdade, a vida cotidiana influi na participação coletiva, ela deve estar continuamente em interação e comunicação com os que compartilham saberes. Para que a escola seja capaz de promover o aprendizado e desenvolver o conhecimento contextualizado, é preciso conhecer os pressupostos básicos de construção do conhecimento, bem como os fatores que facilitam a aprendizagem. (LA TAILLE, 1992).

Portanto, desenvolvimento e aprendizagem não são processos separados. Existe uma relação dinâmica e complexa, em que dando sustentação ao outro, a interação se constrói em identidades conscientes com o propósito de solucionar conflitos e criar

situações novas de sobrevivência, mesmo estando em situações de risco. Para que esse desenvolvimento e aprendizagem ocorram, torna-se necessário que o aluno interaja com as pessoas à sua volta. É por meio dessa interação que se tem acesso à experiência coletiva, que leva à reorganização e à ampliação do conhecimento.

Os construtivistas acreditam que para acontecer a aprendizagem é preciso que o aluno esteja maduro, isto é, ensinam apenas o que ele seja capaz de entender com seu nível de desenvolvimento. Sendo assim, pode-se tornar restrito à prática do professor, colocando suas falhas na falta de maturidade do aluno.

Já os behaviorismos, não consideram os fatores internos como responsáveis pela aprendizagem. Para eles o que importa é o ambiente escolar, e mais uma vez a responsabilidade de ensinar bem, cai no marasmo, pois podem justificar a ineficiência como sendo condições precárias em que se trabalha e do lugar onde se trabalha.

Para ANTUNES (1999, p. 60), *“a educação é um projeto simultaneamente político-filosófico, cuja compreensão não cabe exclusivamente no âmbito da racionalidade científica”*.

Nesta intervenção, procura-se mostrar que o conhecimento é resultado de um complexo processo de modificação, reorganização e construção, utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares.

A aprendizagem precisa ser motivada e com afeição, pois é a partir do sucesso ou fracasso na escola que o ato de aprender torna algo desinteressante ou acolhedor. Além do bom relacionamento que o professor dever ter com o aluno, a escola deve envolvê-lo no contexto escolar, pois existem também outros fatores que interferem fora da escola, como a mídia, família, igreja, amigos, causando influência na sua aprendizagem. (ZAGURY, 1999).

4.5. Motivação e Aprendizagem

AUSUBEL (2000, p. 42) afirma que *“não há aprendizado sem atividade intelectual e sem prazer”*. É evidente que precisamos de ambas as coisas, aprendizagem e motivação para o desempenho de uma tarefa. A aprendizagem redundará, simplesmente, como uma atividade às cegas e, sem motivação resultará, meramente, como uma tarefa

qualquer. A falta de motivação pode conduzir ao aumento de tensão emocional, problemas, aborrecimentos, fadiga e aprendizagem pouco eficiente.

VYGOTSKY (1993) preconizava a importância de se manter a criança em constante movimento e a melhor maneira de se manter o movimento constante é a brincadeira, um envolvimento em esforço físico ou mental agradável, para obter satisfação emocional. Em suas brincadeiras, uma criança armazena sua memória, estuda causas e efeitos, resolve problemas constrói um vocabulário útil, aprende reações emocionais centralizadas em si própria e adapta os seus comportamentos aos hábitos culturais necessários ao pleno desenvolvimento de seu organismo, seu intelecto e personalidade.

Entretanto, são inúmeros os motivos que levam os alunos a variarem em intensidade o seu desejo de aprender, bem como às tentativas do professor para motivá-los. Por isso as teorias que procuram explicar o processo de motivação partem do pressuposto de que deve existir alguma coisa, algum motivo que desencadeia uma ação, que lhe dá direção, mantém seu curso a um objetivo e a finaliza.

A facilidade com que um aluno aprende pode ser atribuída à motivação e sua falta é um fator que leva estudantes à lentidão ou em casos extremos, à ausência da aprendizagem. JESUS (1996, p. 31) nos lembra: *“para aprender é preciso estar motivado, para realizar é preciso ter um motivo, para se manter trabalhando é necessário que se mantenha a motivação para o trabalho”*.

Podemos dizer que a motivação é a espinha dorsal de qualquer sala de aula. Quando os alunos estão motivados, o professor pode executar bem seu trabalho e o esforço aplicado é uma parte essencial da profissão ensinar.

Para JESUS (1996), existe um relativo consenso entre os educadores sobre qual é o principal problema dos alunos na escola, segundo ele é a falta de interesse. Ele aponta que existe a dificuldade de envolver os alunos nas atividades de aprendizagem e em persistir nas tarefas desafiadoras.

Para o autor acima mencionado, parece que, para alguns estudantes, não é claro o *“porquê estudar”*. Desse modo, é alimentada uma esperança de que, quando estiverem mais maduros e então puderem optar por uma área do conhecimento de seu interesse, sua motivação em relação à aprendizagem se modifique positivamente.

O tema motivação dentro da aprendizagem tem sido objeto de investigação de muitos educadores nos últimos anos e o problema da falta de motivação dos estudantes representa um dos maiores desafios à eficácia do ensino. Alguns determinantes da

motivação escolar já são conhecidos e podem auxiliar o trabalho do professor que pretenda ver seus alunos genuinamente envolvidos.

Nessa área de conhecimento, a linha de estudo sobre metas de realização compreende a motivação como sendo resultado da fixação de metas, ou seja, cada meta representa um núcleo de pensamento que reúne modos particulares de perceber a situação, processar as informações, podendo explicar os comportamentos, a direção e a intensidade do esforço.

No ambiente escolar, os estudantes podem buscar ou adotar uma variedade de metas, algumas compatíveis com a aprendizagem, desempenho e outras contrárias.

Por exemplo, as metas sociais: fazer amigos, ser bem aceito ou popular; as metas de aprendizagem: obter conhecimentos, buscar níveis mais profundos de aprendizagem; as metas do ego ou de performance: ser reconhecido como o melhor, o mais capaz ou, pelo menos, ocultar uma possível falta de capacidade. Além dessas, fatos distantes da sala de aula podem ser selecionados como meta dos alunos e, muitas vezes, temos que competir para alcançar nossos objetivos.

Existe um relativo consenso entre os educadores sobre qual é o principal problema dos alunos na escola: a falta de interesse. Em relação ao ensino fundamental, a dificuldade de envolver os alunos nas atividades de aprendizagem, levá-los a persistir nas tarefas desafiadoras, em suma, a valorizarem a educação, tem sido relatada por diversos autores. Parece que, para alguns estudantes, não é claro o porquê de estudar. Desse modo, é alimentada uma esperança de que, quando estiverem mais maduros e então puderem optar por uma área do conhecimento de seu interesse, sua motivação em relação a aprendizagem se modifique positivamente.

Todo professor tem nas mãos um poder muito grande, do qual muitas vezes ele não se dá conta. Ele tem o poder de transformar um assunto extremamente “chato” em algo prazeroso. Tudo depende de como ele encara o que vai ser feito. E da maneira que se passa isso para os alunos.

Assim, é preciso cuidado ao escolher uma atividade motivadora, pois ela deve estar de acordo com o jeito único e especial de ser. É preciso sentir-se confortável com o que se está fazendo. Só se consegue motivar os outros quando se está realmente motivado.

Agora, para que tudo isso aconteça é preciso planejar. É necessário parar e planejar as aulas levando em conta todos os itens apresentados como fontes de motivação. Quando se planeja algo, não se esquece dos detalhes.

Não basta preparar o que vai ser dado. É preciso planejar como o assunto vai ser trabalhado. É preciso ser um facilitador da aprendizagem. Para isso, é necessário ter domínio do assunto que vai ser ensinado e disposição e boa vontade para fazê-lo da melhor maneira possível.

Para AUSUBEL (2000), motivação é definida como o que determina a magnitude e a direção do comportamento. Magnitude geralmente diz respeito ao grau de esforço e direção à meta a ser atingida.

O que se está assumindo é que a motivação de aprender depende largamente da personalidade do aluno, da natureza da coisa ou habilidade a ser aprendida, e da percepção do valor e da dificuldade de aprender. Desde que os alunos tenham algum conhecimento sobre o que quer aprender, isso significa que existe uma maior chance em motivá-los. A motivação é um meio, não um fim em si mesmo. A motivação deve ser considerada em todas as partes de uma mensagem instrucional, não apenas ganhar a atenção do aluno no início, mas mantê-la no meio e até o final. Embora existam semelhanças entre as pessoas no que diz respeito à motivação, também é altamente particular, e o que motiva um aluno, pode não necessariamente motivar outro.

4.6. Brincando e Aprendendo

Para PIAGET (2001) o jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras, pois brincando a criança torna-se operativa.

Segundo o autor, a entrada da criança no mundo do faz-de-conta marca uma nova fase de sua capacidade de lidar com a realidade, com os simbolismos e com as representações. Com o brinquedo a criança satisfaz certas curiosidades e traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas possibilidades e necessidades. A ludicidade tem conquistado um espaço no panorama da educação, o brinquedo é a essência da infância e seu uso permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento e

também a estimulação da afetividade na criança. A criança estabelece com o brinquedo uma relação natural e consegue extravasar suas angústias e paixões; suas alegrias e tristezas, suas agressividades e passividades.

O autor também explica o processo por meio de uma metáfora, afirmando que “*a afetividade é como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura*”, ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Percebe-se que, se o professor não aprende com prazer não poderá ensinar com prazer. É isso que se procura fazer na prática pedagógica, dando ênfase à formação lúdica: ensinar e sensibilizar o professor-aprendiz para que, através de atividades dinâmicas e desafiadoras, despertem no sujeito-aprendiz o gosto e a curiosidade pelo conhecimento.

Na comunidade educacional o contributo deste trabalho prima em valorizar a construção do comportamento da criança, dando ênfase à atividade interdisciplinar, à postura do educador em favorecer atividades que propiciam o prazer, a alegria, a inter-relação, a parceria, gerando um clima afetuoso no sujeito-criança, permitindo ao processo de aprendizagem uma efetivação satisfatória e realizadora.

Para CHALITA (2001), em recente pesquisa sobre as relações entre jogo e educação segundo o pensamento dos educadores constatou-se que proporcionar aprendizagem é o mais freqüente motivo pelo qual o jogo é considerado importante para a educação, em uma amostra na qual preponderam educadores do ensino fundamental.

Brincar é uma atividade paradoxal: livre, imprevisível e espontânea, porém, ao mesmo tempo, regulamentada; meio de superação da infância, assim como modo de constituição da infância; maneira de apropriação do mundo de forma ativa e direta, mas também através da representação, ou seja, da fantasia e da linguagem. Brincando, o indivíduo age como se fosse outra coisa e estivesse em outro tempo e lugar, embora, para que a atividade seja considerada brincadeira, e não alucinação, deva estar absolutamente conectada com a realidade.

Diante de tais paradoxos, não é de surpreender que não seja possível afirmar categoricamente para que serve a brincadeira. Entretanto, os custos dessa atividade são tão elevados para as espécies que brincam, envolvendo gasto de tempo, energia e exposição a riscos, que o retorno em termos de benefícios deve ser considerável. Para quem brinca, contudo, a pergunta “brincar pra quê?” é vã, pois brinca-se por brincar, porque brincar é uma forma de viver. A motivação para brincar é intrínseca à própria atividade.

Mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar. Como construção social, a brincadeira é atravessada pela aprendizagem, uma vez que os brinquedos e o ato de brincar, a um só tempo, contam a história da humanidade e dela participam diretamente, sendo algo aprendido, e não uma disposição inata do ser humano.

A simples oferta de certos brinquedos já é o começo do projeto educativo, é melhor do que proibir ou sequer oferecer. Porém, a disponibilidade de brinquedos não é suficiente. Na escolha e na proposição de jogos, brinquedos e brincadeiras, o educador coloca o seu desejo, suas convicções e suas hipóteses acerca da infância e do brincar. O educador que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica observa as crianças brincando e faz disso, ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho.

É necessário que o educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe intencionalidade, ou seja, ter objetivos e consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem. Contudo, esse projeto educativo não passa de ponto de partida para sua prática pedagógica, jamais é um ponto de chegada rigidamente definido de antemão, pois é preciso renunciar ao controle, à centralização e à onisciência do que ocorre com as crianças em sala de aula.

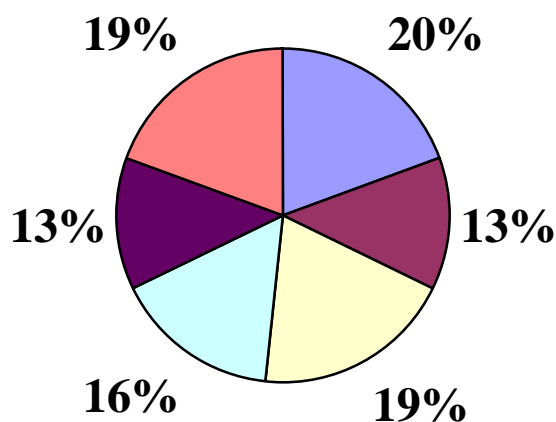
De um lado, o educador deve desejar, no sentido da dimensão mais subjetiva de “ter objetivos” e, ao mesmo tempo, deve abdicar de seus desejos, no sentido de permitir que as crianças, tais como são na realidade, advenham, reconhecendo que elas são elas mesmas, e não aquilo que ele, educador, deseja que elas sejam.

CAPÍTULO V

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As perguntas abaixo relacionadas serviram como instrumento de composição desta pesquisa, uma vez que foram apresentadas aos alunos e as respostas encontram-se demonstradas em percentuais:

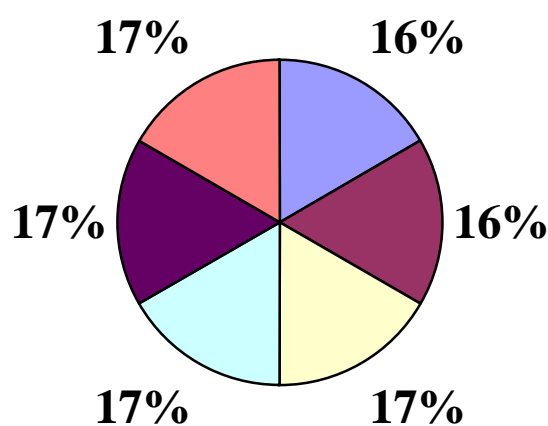
1. Você fica feliz quando sua professora:



■ Dá-lhe um abraço - 20%	■ Conversa com você - 13%
■ Te elogia - 19%	■ Dá uma boa aula - 16%
■ É carinhosa - 19%	■ Esclarece suas dúvidas - 20%

Nessa primeira pergunta, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. As respostas satisfatórias dos alunos tiveram percentuais bem próximos: dá-lhe um abraço, conversa com você, te elogia, dá uma boa aula, é carinhosa e esclarece suas dúvidas, enquanto que as respostas menos satisfatórias obtiveram índices singulares: te escuta e não dá castigo.

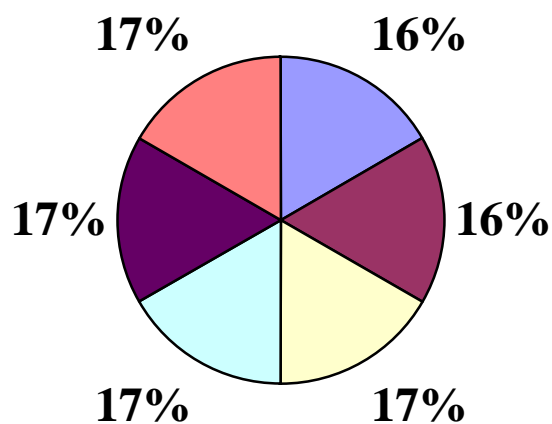
2. O que te deixa triste:



- Chamar sua atenção individualmente - 16%
- Chamar sua atenção diante dos colegas - 16%
- Chamar seus pais para conversar - 17%
- Fazer muito dever em sala de aula- 17%
- Passar muito dever para casa - 17%
- Falar alto - 17%

Em relação à segunda pergunta, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico, onde os alunos demonstraram insatisfação nos quesitos em que se sentiram prejudicados, os índices ficaram bem próximos uns dos outros, o que representa sinceridade.

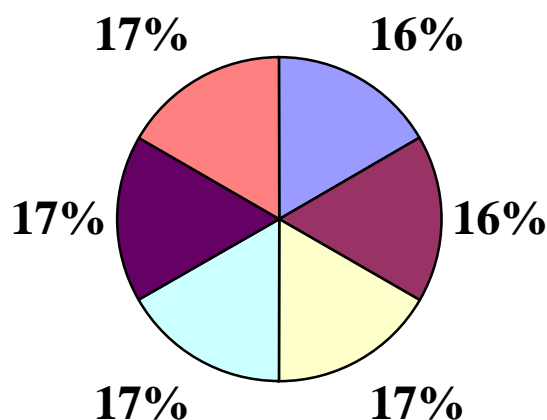
3. O que chama mais sua atenção na professora?



- A maneira como ela dá aula - 16%
- A maneira como ela resolve os problemas em sala - 16%
- Como ela fala com você - 17%
- Sua beleza - 17%
- O Olhar - 17%
- Outros - 17%

Na terceira pergunta, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. Pode-se observar que os alunos não se prenderam a um item apenas, eles assinalaram de maneira uniforme em todos os quesitos, de forma que os índices ficaram praticamente iguais em termos percentuais.

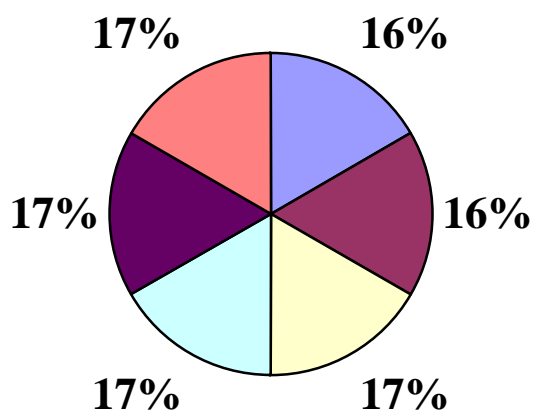
4. O que você faz em sala que sua professora não gosta?



- Esquece a tarefa de casa - 16%
- Demora para concluir as atividades - 16%
- Desrespeita seus colegas - 17%
- Conversa fora de hora - 17%
- Falta às aulas - 17%
- Esquece o material - 17%

Quando perguntados na quarta pergunta, sobre o que eles faziam em sala de aula que a professora não gostava, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. A resposta foi praticamente idêntica à pergunta anterior: eles pontuaram todos os itens, sem dá margem maior a nenhum, e foram praticamente unânimes em relatar os itens que desagradaram a professora.

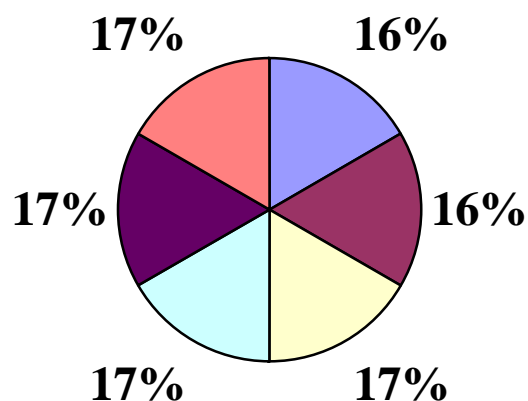
5. Se você fosse professor(a) como agiria em sala com seus alunos?



- Faltaria ao trabalho - 16%
- Deixaria seus alunos à vontade para fazerem o que quisessem - 16%
- Seria carinhoso e atencioso com seus alunos - 17%
- Passaria pouca tarefa - 17%
- Seria exigente - 17%
- Seria responsável - 17%

Na quinta pergunta, quando perguntados se eles, os alunos, fossem professores, como agiriam, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. Eles pontuaram itens elogiáveis, como: seria carinhoso e atencioso com os educandos, seria exigente, seria responsável, entre outros; mas em contrapartida, responderam que fariam atos que contrariam o papel do professor, tais como: faltaria ao trabalho, deixaria seus alunos à vontade para fazerem o que quisessem, castigaria os alunos. Essa inversão de papeis demonstra de forma direta o ponto de vista do aluno.

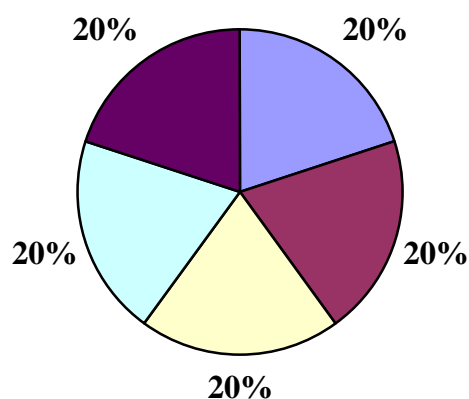
6. Se você pudesse mudar alguma coisa em sua professora o que mudaria?



- A maneira que ela se veste - 16%
- A maneira que ela fala com os alunos - 16%
- Mudaria a cor do cabelo - 17%
- A forma como ela dá aula - 17%
- Sua voz - 17%
- Outros - 17%

Quanto às mudanças que eles gostariam que acontecessem em sua professora, a sexta pergunta demonstra uma resposta coesa e quase igualitária, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico, pois todos assinalam os itens, e um destaque para a opção ‘outros’, onde os alunos responderam outras formas de atuação em sala de aula e melhorias de conteúdo.

7. Se você pudesse criar a professora ideal como ela seria?



■ Bonita - 20%

■ Autoritária - 20%

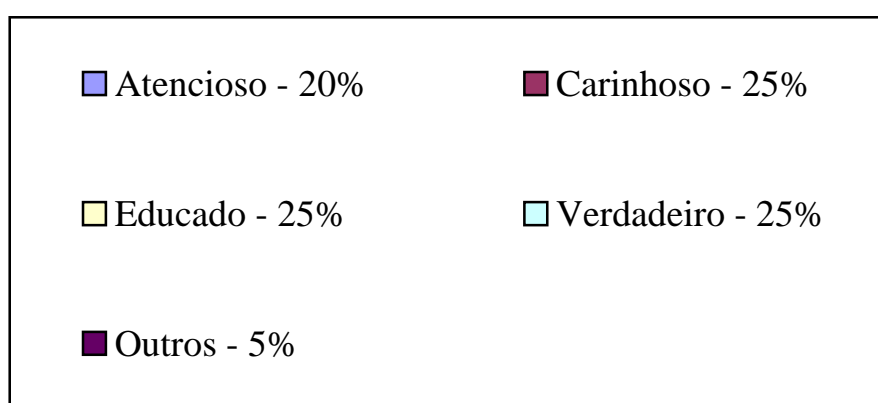
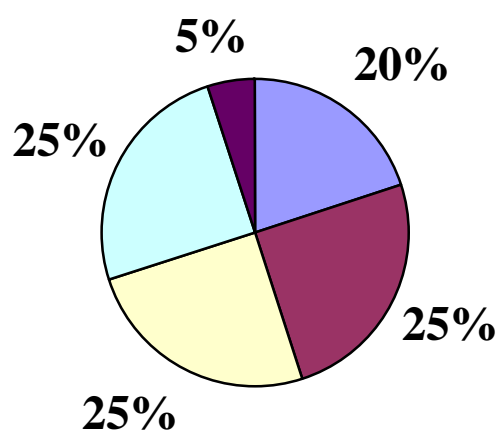
■ Inteligente - 20%

■ Exigente - 20%

■ Preguiçosa - 20%

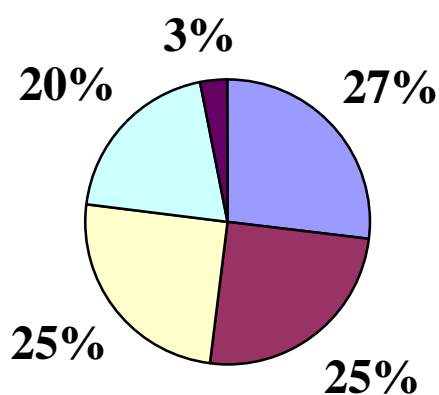
Em relação à sétima pergunta, foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. Os alunos criaram uma professora com características fortes, onde apontaram que essa criação deveria ter traços: educados, autoritários, inteligentes, bons, bonitos, exigentes e ao mesmo tempo, deveria ter também, traços preguiçosos.

8. Para ser seu amigo como deve ser o colega?



Na penúltima pergunta foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. Novamente, eles se dividiram em partes iguais e alegaram que para ser seu amigo, o colega tem que ser: atencioso, carinhoso, educado e verdadeiro. Nessa reposta eles não apresentaram nenhuma resposta que contrariasse a sua amizade.

9. Qual a atividade que sua professora faz que você mais gosta?



- Trabalho em grupo - 27%
- Jogos e brincadeiras - 25%
- Uma boa aula com recursos variados - 25%
- Pesquisa - 20%
- Outros - 3%

Na última pergunta, mais uma vez foram selecionadas as cinco mais votadas e as respostas alternativas estão abaixo do gráfico. Nela é relatada a forma consistente de resposta com que os alunos encararam o item afetividade dentro do âmbito escolar: novamente, o grupo apresentou percentuais idênticos, apontando as atividades que eles mais gostam que suas professoras realizam: trabalho em grupo, jogos e brincadeiras, aulas criativas e realização de pesquisa.

De forma geral, após tomar conhecimento do grupo de alunos entrevistado, pode-se destacar que as respostas foram feitas com precisão e seriedade, levando em conta apenas em dois momentos, onde os entrevistadores perceberam que os alunos assinalaram os itens por brincadeira: na questão 05 “Se você fosse professor(a) como agiria com seus alunos?”, um número considerável de alunos afirmou que faltaria ao trabalho e que castigaria seus alunos; e na questão 07 “Se você pudesse criar a professora ideal como ela era?”, um número também significativo respondeu que a professora ideal teria entre as qualidades, o item preguiça.

Vale mencionar que de acordo com a visão dos entrevistadores, esses itens foram assinalados num momento de descontração dos alunos e que eles mesmos alertaram sobre o percentual que seria gerado no resultado da pesquisa.

Nos demais quesitos da pesquisa, nota-se lucidez e responsabilidade dos alunos em suas respostas, onde eles realmente estão percebendo e valorizando as atividades que envolvem afetividade, dinamismo e participação, fazendo inclusive, com que essas atividades se tornem sequenciais dentro do ambiente escolar, e a forma de manifestação deles em relação à atuação dos professores vem sendo com cumprimentos, elogios e atitudes concretas de participação e engajamento.

Esses alunos estão demonstrando que o território escolar não vive apenas de ‘ensinar’ e ‘compreender’, ele vai muito além, transformando aulas em momentos de prazer e descontração, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem ocorra naturalmente, oferecendo às partes envolvidas a oportunidade de manifestar seu apreço e seu ponto de vista, pois somente assim, a educação se torna libertadora, crítica, ativa e constante; vale destacar finalmente que, o relacionamento professor-aluno-comunidade tem que ser o mais aberto possível, ocasionando momentos de manifestação de todas as partes e a efetiva participação nos momentos importantes da escola e da vida do aluno.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou verificar, também, a influência positiva do relacionamento afetivo professor-aluno no ensino, pois quando essa não ocorre pode desencadear, inclusive, o fracasso escolar. Este estudo aborda a questão da relação afetiva professor-aluno nas diferentes tendências pedagógicas, permitindo a cada professor situar-se teoricamente sobre suas opções, percebendo a relação afetiva professor-aluno e suas implicações dentro de cada tendência.

Verificou-se ainda, o relacionamento afetivo professor-aluno em sua ação pedagógica, uma vez que as relações afetivas em salas de aula, dependem muito das atitudes do professor, se o mesmo se manter indiferente ou expressar nervosismo em relação aos alunos, a tendência é que essas atitudes causem reações recíprocas aos alunos, gerando um ambiente conflituoso que dificultará a aquisição do conhecimento.

Todavia, se o professor agir de forma que expresse o seu interesse pelo "crescimento" dos alunos, respeitando suas individualidades, criará um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem. As relações afetivas estabelecidas não podem ser ignoradas, pois estão presentes no desenvolvimento, fazem parte do ser humano e podem interferir de forma negativa ou positiva no processo cognitivo.

A escola muitas vezes ignora esta questão, preocupando-se apenas com os conteúdos e técnicas. A escola deve trabalhar no sentido de organização dos sistemas afetivos e cognitivos. As relações conflituosas, enfrentadas no dia-a-dia do processo educacional, acabam interferindo na atividade intelectual, e isso pode ocasionar o baixo rendimento escolar. O relacionamento afetivo pressupõe interação, respeito pelas idéias, pelas opiniões do outro, dedicação, troca e vontade por parte dos envolvidos.

Conhecendo seus alunos, escolhendo a melhor forma de trabalhar com eles, o educador propiciará excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educandos, elevando também o autoconceito destes, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

Quanto ao estabelecimento de ensino, este deve contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, possibilitando a valorização da afetividade na busca da integração humana e do desenvolvimento de uma auto-estima positiva; assegurar que os conhecimentos adquiridos sejam verdadeiros e com informação atualizada; despertar nos educadores uma nova visão sobre a importância da educação afetiva nas escolas;

possibilitar a reflexão contínua da prática pedagógica dos educadores envolvidos no projeto; estimular e cultivar a parceria escola e família; possibilitar a criação de espaços de participação dos adolescentes no sentido de contribuir para a construção da cidadania e para a sua escolha profissional.

As atividades apresentadas pela unidade de ensino devem ter por objetivo o desenvolvimento das habilidades por parte dos alunos em expressar suas emoções, os seus sentimentos, os seus conflitos e esclarecer dúvidas; resistir às pressões, defender valores nos quais acredita decidir por um estilo de vida saudável; estimular a vivência do amor, da afetividade e da solidariedade consigo mesmo, com os familiares, amigos, colegas, professores e outros.

A forma de organização da escola, a sistemática das aulas, o empenho dos docentes e outros agentes do processo educativo deve ser no sentido de congregar esforços para um tratamento adequado às individualidades. O trabalho coletivo com os alunos deve garantir o acesso de todos aos conhecimentos exigidos pela escola e valorizados socialmente.

Contudo, sem afetividade não há educação verdadeira, não há crescimento nem aproximação entre as pessoas, o que há de mais belo na afetividade é o engrandecimento físico e intelectual da criança, mas se o estabelecimento de ensino e o professor não pregarem a afetividade em todos os seus segmentos, de muito pouco vai adiantar as suas ações; é preciso investir na boa convivência e no calor humano para obter o retorno do aluno que será demonstrado em forma de um aprendizado com qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. São Paulo: Papirus, 2001.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: novas estratégias**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

AUSUBEL, David. **Psicologia educacional**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editorial Trillas, 2001.

BECKER, F. **Epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis: RJ. Vozes, 1993.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 39 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CARRASCO, José Bernardo. **Princípios e técnicas de motivação**. São Paulo: Gente, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Papirus, 1989.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2002.

ELIAS, José. **Uma escola assim eu quero pra mim**. São Paulo: FTD, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: JEMM Editores, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GROSBAUM, Marta Wolak. **Aprendizagem: sucesso escolar**. São Paulo: Consed, 2001.

JESUS, Saul Neves. **Motivação e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quarteto Editora, 1996.

LA TAILLE, Yves (et all). **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 8 ed. São Paulo: Gente, 1992.

LIMA, Elvira Souza. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola**. São Paulo: Sobradinho, 2002.

MAUCO, G. **Educação da sensibilidade da criança**. Lisboa: Moraes Editores, 1986.

NETO, Antônio da Costa. **Paradigma em educação no novo milênio**. Goiânia: Kelps, 2003.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. São Paulo: DIFEL, 2001.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1986.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TAPIA, Jesus Alonso. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** 3. ed. São Paulo: Gente, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática.** 6. ed. São Paulo: Papirus, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1993.

WALLON, Henri. **A atividade proprioplástica.** In: NADEL-BRULFERT J. & WEREBE, M.J.G. (antologia). São Paulo: Ática, 1986.

WERNECK, H. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo.** Petrópolis: Vozes, 1992.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Leia com atenção as questões abaixo e marque cinco das alternativas que você acha mais adequada:

1. Você fica feliz quando sua professora:

- () Dá-lhe um abraço
- () Conversa com você
- () Te elogia
- () Não dá castigo
- () Dá uma boa aula
- () É carinhosa
- () Te escuta
- () Esclarece suas dúvidas
- () Outros _____

2. O que te deixa triste:

- () Chamar sua atenção individualmente
- () Chamar sua atenção diante dos colegas
- () Chamar seus pais pra conversar
- () Fazer muito dever em sala de aula
- () Passar muito dever de casa
- () Falar alto
- () Outros _____

3. O que chama mais sua atenção na professora?

- () A maneira de como ela dá aula
- () A maneira como ela resolve os problemas em sala
- () Como ela fala com você
- () Sua beleza
- () O olhar
- () O jeito como ela se veste
- () A maneira de explicar os conteúdos
- () Outros _____

4. O que você faz em sala que sua professora não gosta?

- () Esquece a tarefa de casa
- () Demora para concluir as atividades
- () Desrespeita seus colegas
- () Conversa fora de hora
- () Falta às aulas
- () Fala alto
- () Passeia pela sala
- () Esquece o material
- () Outros_____

5. Se você fosse professor(a) como agiria em sala com seus alunos?

- () Faltaria ao trabalho
- () Deixaria seus alunos à vontade para fazer o que quisessem
- () Seria carinhoso e atencioso com seus alunos
- () Passaria pouca tarefa
- () Seria exigente
- () Seria responsável
- () Passaria muito dever de casa
- () Castigaria os alunos
- () _____

6. Se você pudesse mudar alguma coisa em sua professora o que mudaria?

- () A maneira que ela se veste
- () A maneira que ela fala com os alunos
- () Mudaria a cor do cabelo
- () A forma como ela dá aula
- () Sua voz
- () Sua bondade
- () Outros_____

7. Se você pudesse criar a professora ideal como ela seria?

- () Bonita
- () Educada
- () Autoritária
- () Boazinha
- () Inteligente
- () Exigente
- () Preguiçosa
- () Magra
- () Gorda
- () Outros_____

08. Para ser seu amigo como deve ser o colega?

- () Atencioso
- () Carinhoso

- () Educado
- () Verdadeiro
- () “Mandão”
- () Valente
- () Outros_____

09. Qual a atividade que sua professora faz que você mais gosta?

- () Trabalho em grupo
- () Jogos e brincadeiras
- () Uma boa aula com recursos variados
- () Pesquisa
- () Trabalho individual
- () Aula com música
- () Aula de artes
- () Outros_____